

Causas que explicam redução do prazer variam de acordo com o tempo de gestação

Tabus inibem desejo sexual na gravidez

ANTONIO ROBERTO FAVA
fava@unicamp.br

As práticas sexuais durante o período de gravidez da mulher costumam sofrer uma redução que varia de 40% a 60%. Essa redução é geralmente atribuída a causas de ordem psicológica, física ou emocional, somando-se a isso alguns velhos tabus e mitos, principalmente o religioso, que inibem o desejo sexual feminino.

Durante três anos, a professora e médica tocoginecologista Maria Cristina Lazar coletou cerca de 130 depoimentos de um grupo de 36 mulheres, todas pacientes do Hospital Leonor Mendes de Barros, de São Paulo. O propósito de sua investigação científica era entender o comportamento da mulher em relação às práticas sexuais nesse importante período de sua vida. Suas análises resultaram na tese de doutorado *Práticas sexuais de mulheres no ciclo gravídico-puerperal*, defendida recentemente no Departamento de Tocoginecologia, sob orientação do professor João Luiz Pinto e Silva, da Faculdade de Ciências Médicas (FCM/Unicamp). E chegou a algumas conclusões surpreendentes: constatou, por exemplo, que houve uma diminuição da ordem de 25% na frequência de relações sexuais durante o primeiro trimestre em comparação ao período pré-gestacional, sendo que no segundo trimestre o nível de atividade sexual caiu ainda mais: cerca de 25% em relação ao trimestre anterior. No terceiro trimestre, a pesquisadora verificou que o índice de redução das relações chegava a 50% em relação ao período anterior.

Médica colheu depoimentos de 36 mulheres

As causas que explicam essa redução variam de acordo com o tempo de gestação, quando a mulher passa por uma agitação hormonal e profundas alterações no seu corpo, como crescimento abdominal e sensibilidade mamária. Nos primeiros três meses, constata-se que a mulher sofre uma série de mudanças físicas como náuseas e vômitos e de humor, ficando mais suscetível às "observações do marido", além do medo de provocar um aborto com a prática do ato sexual. "Pude verificar que, a partir do quinto mês de gestação, o homem começa a perder o interesse sexual pela mulher, enquanto que ela continua, evidentemente, com sua vontade diminuída. Além disso,

as formas corporais da mulher vão impondo ao casal posições diferentes de relação, passando gradativamente da mais convencional para a posição lado-a-lado e várias outras", diz Maria Cristina. Durante os últimos meses de gestação, a preocupação com a proximidade do parto faz com que a mulher diminua ainda mais o interesse por sexo, somando-se a isso, muitas vezes, dores durante a relação. Apesar do declínio da atividade sexual nesse período, segundo a pesquisadora, a mulher sente maior necessidade de manter-se mais próxima do companheiro, de ser beijada, de ser acariciada. Mas constata-se que muitas vezes há considerável desinteresse por parte do marido que, com o tempo, vai se acentuando.



A médica Maria Cristina Lazar: "Abstinência não é o melhor método contraceptivo"

MITOS RECORRENTES

- Crença religiosa de que sexo durante a gravidez é sujo e pecaminoso.
- A masturbação (masculina e feminina) é pecado religioso.
- Práticas sexuais são vistas como impuras e incompatíveis com o conceito de "santidade" associado à maternidade.
- Medo de a mãe machucar o bebê durante o ato sexual.
- Medo de que o ato sexual possa desencadear parto prematuro.

Por ordem médica – Maria Cristina explica que há poucas indicações para limitar ou mesmo cercear a vida

sexual de um casal durante o período de gestação. As principais são, basicamente, história prévia de abortos de repetição, história de partos prematuros, presença de infecção em um dos parceiros, gestação múltipla, sangramento durante a relação sexual e ruptura prematura das membranas, por exemplo. Quando a relação é contra-indicada por motivos de ordem médica, o casal possui alternativas de satisfação sexual. Segundo a pesquisadora, 82% desse grupo dos casais preferem a estimulação mútua, 12% acham que somente as mulheres deveriam estimular o homem, 6% delas preferem a abstinência total e nenhum dos casais acha que somente a mulher deva ser estimulada.

"A masturbação masculina tende a tornar-se estável durante a gravidez e no pós-parto", ressalta Maria Cristina. Quanto à obtenção do orgasmo, a pesquisadora pôde constatar uma diminuição também no decorrer da gestação, reduzindo-se de aproximadamente 70% no período de pré-gestação para pouco mais de 24% no final da gravidez naquelas mulheres que diziam obtê-lo sempre ou na maioria das vezes.

Pesquisadores do IQ testam adoçante natural

Um novo adoçante natural está em desenvolvimento nos laboratórios do Instituto de Química (IQ) da Unicamp. Segundo pesquisadores envolvidos nas investigações, o produto possui um poder dulcífero 1.400 vezes maior que o do açúcar vendido no mercado comum. A base do novo adoçante é a monatina, um aminoácido extraído de raízes da *Schlerochiton illicifolius*, uma planta encontrada na África do Sul.

"A mistura da monatina com outros adoçantes, como o aspartame, por exemplo, resulta numa variedade de sabores que aumenta ainda mais a sua importância comercial", diz o professor Fernando Coelho, do Instituto de Química. Ele conclui explicando que quando se trabalha com esse tipo de composto, os adoçantes têm um mercado nacional e internacional com aceitação garantida.

Segundo Ediclea Cristina Fregoneze Camargo, que tem trabalho sobre a substância, o que a levou a pesquisar a monatina "foi a tentativa de descobrir qual a parte dela respon-



Foto:Antoninho Perri



Foto:Neldo Cantanti

A mestranda Ediclea Cristina Fregoneze Camargo: resultados positivos

sável pelo peculiar sabor doce". Ela buscava elementos para um novo tipo de adoçante. Segundo a pesquisadora, da estrutura da monatina pode-se obter outros tipos de adoçante. Embora ainda não esteja totalmente concluído, o trabalho de Ediclea pode ser aplicado para o tratamento de uma série de doenças, como prevê.

"Pude observar que durante a preparação da monatina existiam estruturas intermediárias que poderiam ser aplicadas no sistema nervoso central, principalmente no combate a doenças neuro-degenerativas, como o Mal de Parkinson, por exemplo", diz. Para o professor Fernando Coelho, os adoçantes artificiais são produtos largamente consumidos no Brasil, que se destinam não apenas à preparação de alimentos, mas também como coadjuvantes no tratamento de doenças, como o diabetes, e em regimes de emagrecimento. Fernando Coelho argumenta que há uma busca internacional muito grande por substâncias que podem ou não ser de origem natural, que tenham, sobretudo, potencial dulcífero.

"Quando se está colocando uma

substância química para dar sabor ao café, eu preciso de um elemento com características que proporcionem um sabor realmente doce em baixíssima concentração, ao mesmo tempo, que seja completamente livre de elementos tóxicos", diz. Essa toxidade, segundo o professor, pode provocar problemas sérios de saúde ao consumidor. Pega-se como exemplo uma pessoa que usa determinado adoçante todos os dias, em várias ocasiões, mesmo que em pequenas porções. "Se o adoçante contém elementos tóxicos, a pessoa que o consome pode até envenenar-se e ter sérios problemas de saúde", ressalta.

Ediclea e o professor Fernando afirmam que os resultados experimentais da preparação da substâncias que podem ser utilizadas como adoçantes até agora têm sido muito positivas. Os resultados até agora obtidos pela pesquisadora fazem parte da dissertação de mestrado de Ediclea, ainda em desenvolvimento, sobre Preparação de aminoácidos não proteinogênicos, estruturalmente relacionados ao adoçante natural monatina, sob a orientação do professor Fernando Coelho. (A.R.F.)